



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REPRESENTAÇÕES DE ALCOOLISTAS NAS TELENÓVELAS

Isamara Mendes da Silva*
(UESB)

Luci Mara Bertoni**
(UESB)

Silvia Regina Marques Jardim***
(UESB)

RESUMO

Este artigo faz uma análise das representações sociais de alcoolistas em algumas telenovelas brasileiras. Sendo necessário para melhor entendimento do tema proposto, um levantamento teórico sobre a história do álcool, do alcoolismo na sociedade e como esses conceitos sofreram modificações ao longo do tempo. Temos como objetivo, analisar as representações que os alcoolistas possuem nas telenovelas, observando se condizem ou não com as definições teóricas e se a mídia influencia ou reforça estigmas do telespectador.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais. Alcoolismo. Telenovelas. Mídia.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista que o tema da pesquisa está relacionado ao consumo de drogas, mais especificamente do álcool, é necessário definirmos alguns conceitos de acordo com estudiosos da temática e fazer breves apontamentos históricos sobre o álcool e o alcoolismo. Posteriormente, faremos relação das representações criadas pela sociedade ao longo do tempo, com as que se tem do

* Graduanda do curso de Bacharelado em Ciências Biológicas, bolsista PIC/UESB e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Álcool e Drogas – GEPAD – Museu Pedagógico. *E-mail:* isamaramendes@gmail.com.

** Professora Titular do DFCH/UESB. Doutora em Educação Escolar e Coordenadora do GEPAD. *E-mail:* profaluci.mara@hotmail.com.

*** Professora Adjunta do DFCH/UESB. Doutora em Educação Escolar e Colaboradora do GEPAD. *E-mail:* silvia.jardim@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

alcoolista nas telenovelas. Neste primeiro momento, começaremos com a definição de drogas, devido o álcool ainda não ser, por muitos, equivocadamente considerado como tal.

Segundo Lapate (2001, p. 27), droga é uma “designação genérica de toda substância usada, capaz de modificar as funções dos organismos vivos, resultando de modificações psicológicas ou de comportamento”.

A maioria das pessoas não se pergunta como ou porque “algumas drogas devem ser lícitas e outras não, e esse axioma é então visto como uma espécie de ordem natural das coisas” (MOTA, 2009, p.73). Poucas pessoas sabem que a proibição de determinadas substâncias está atrelada a interesses econômicos específico da política norte-americana, fazendo ainda com que o *status* de ilegalidade seja projetado na personalidade do usuário, criando uma associação direta do tipo “usuário=criminoso” e por outro lado, persuadindo o público leigo a um consenso de que as substâncias lícitas são inofensivas ou menos danosas do que as ilícitas (MOTA, 2009).

Ser legalmente permitida não significa que seus danos sejam menores. Pelo conceito de drogas citado anteriormente por Lapate (2001), é possível afirmar que o álcool é uma droga, o problema está no seu uso leve ou pesado, ou seja, pode ser uma droga pesada para o dependente, ou uma droga leve para usuários que bebem em pequenas quantidades, esporadicamente. O referido autor continua ressaltando que é o uso/abuso do álcool e outras drogas que pode desenvolver a dependência. Sendo esta causada pelo uso excessivo da droga de forma periódica possuindo estreitos vínculos com o social.

Segundo Carneiro (2005), todos somos “drogados”, porque tudo pode causar uma dependência, pode ser a coca-cola ou cocaína, álcool ou cafeína. O que diferencia uma droga de um alimento é o regime jurídico e político que regula o direito à livre escolha. Assim toda relação com um produto cultural material se torna dependência, direto de laboratórios com técnicas psicológicas ao apelo do



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

consumo pela publicidade. Isso marca o capitalismo contemporâneo, a dependência que adquirimos das mercadorias como objetos que escravizam as pessoas.

O uso excessivo e sem controle do álcool, ocupa hoje uma posição privilegiada em termos de saúde pública, sendo a causa de milhares de internações psiquiátricas pelo seu abuso. Mas não são apenas as internações de indivíduos alcoolistas que esse uso exacerbado provoca, essa droga que é lícita atualmente, tem um importante papel no aparecimento de inúmeras doenças que podem levar o indivíduo a óbito. O problema se faz ainda maior quando as mortes estão ligadas indiretamente ao abuso do álcool, como é o caso de acidentes no trânsito, brigas em bares, festas, torcidas ou em outros lugares. É importante lembrar que o álcool apresenta estreitas relações com a humanidade, “beber é certamente um dos costumes mais antigos, que persiste a milhares de anos, apesar de que sempre se soube dos seus perigos potenciais” (MASUR, 2004, p.10).

Nesse sentido, Bertoni (2007, p. 22) ressalta, que nem sempre o ato de consumir bebidas alcoólicas ou até embriagar-se foi condenado na história da humanidade. A história mostra que em diferentes épocas desenvolveram-se diversos tipos de bebidas, objetivando a cura ou o alívio para muitas doenças, ou o prazer de beber, buscar a liberdade e a felicidade que, muitas vezes, se tornava traços culturais que marcavam aquela sociedade.

Carneiro (2005, p.10), explica sobre as mudanças nas representações do álcool, como “um produto da cultura material, de arcaicos usos religiosos, medicinais e lúdicos, torna-se o principal instrumento de produção de consciência alterada, ou seja, de produção de imaginários e de sentimentos artificialmente estimulados”. Ainda cumpre, como foi supracitado, um papel privilegiado de reprodução do capital, a bebida alcoólica como trocas que formam o mercado mundial. Isso pode ser observado desde o Período Colonial, em que houve a relação do índio com a bebida alcoólica (destilados), que até então a chegada dos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

colonizadores, era desconhecida pela população indígena. Os índios ofereciam seus favores, em troca recebiam o álcool dos colonizadores. Mesmo esse primeiro contato dos índios com os destilados terem sido provocados pelos colonizadores, os europeus construíram um discurso e imagem do alcoolismo pelos indígenas como imoralidade (MOTA, 2009). O alcoolismo, assim começou a ser relacionado a defeitos individuais, morais e raciais, o que de certa forma, continua sendo reproduzido pela sociedade.

Alguns estudiosos definem o alcoolismo como uma dependência que se adquire do álcool e, que a mesma pode suscitar em qualquer indivíduo independente de seu *status* na sociedade. Ao longo dos séculos XIX e XX, o conceito de alcoolismo sofreu algumas mudanças. Fortes (1991, p.14) lembra que a expressão “alcoolismo” crônico foi empregada pela primeira vez na história por Magnus Huss, médico sueco, em 1849.

Engel (1977 apud MUSUMECI, 1994) proporciona uma definição bastante clara sobre o conceito de alcoolismo e suas mudanças, afirmando que o alcoolismo foi desvinculado da esfera moral para inserir-se no terreno das patologias, se limitando aos efeitos resultantes da ingestão de bebidas alcoólicas. Posteriormente, o conceito de alcoolismo desvincula-se para o âmbito da dependência, passando a privilegiar os padrões de consumo do álcool, em vez dos resultados de sua ingestão.

Um critério muito relevante para compreender o alcoolismo, seria quando há a perda de liberdade sobre o ato de beber, o alcoolista vai continuar bebendo independentemente dos problemas que poderá causar aos outros (MASUR, 2004).

Com base no levantamento histórico do álcool e do alcoolismo, seguiremos falando sobre a definição do alcoolista e as diferentes representações que se tem do indivíduo dependente do álcool, representações estas com profundas raízes históricas, que continuam sendo repercutidas atualmente nas telenovelas por personagens alcoolistas.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Segundo a OMS alcoolistas,

são bebedores excessivos, cuja dependência do álcool chega a ponto de acarretar-lhe perturbações mentais evidentes, manifestações afetando a saúde física e mental, suas reações socioeconômico ou pródromos de perturbações desse gênero e que, por isso, necessitam de tratamento. (FORTES, 1991, p. 16).

O alcoolista é visto como um indivíduo que precisa de tratamento médico, ou seja, um doente. Não podemos esquecer que o dependente químico sofre alterações no seu destino social, sem querer ele acaba construindo uma nova identidade social. Pois, ele é visto por muitos, como um indivíduo que em função de sua dependência causa problemas no âmbito de sua interação social (MOTA, 2009).

Para Mota (2009), o alcoolista possui diferentes representações para a sociedade, geralmente ele é visto como uma pessoa imoral que se entregou ao mal e precisa de uma libertação, deixar sua “vida passada” de lado e se entregar a uma “nova vida” se tornando uma “nova pessoa” com a ajuda de Deus. Para outros, deve ser tratado com repressão, pois se trata de indivíduo que está trazendo problemas. A estigmatização está implantada na sociedade e, quando se trata de dependentes químicos este estigma fica bem nítido, porque as pessoas dependentes do álcool, por exemplo, são chamadas de bêbados, cachaceiros etc.

Por esses diferentes estigmas criados pela sociedade e algumas instituições, o fato do alcoolista ou usuário de outras drogas serem tratados como “doente”, apresenta seu lado positivo à medida que o rótulo de “criminoso”, “pecador”, imposto ao usuário vai desaparecendo e a “doença” começa a ganhar tratamento, não penalidades. Entretanto, analisando por outra perspectiva, podemos perceber que quando o usuário é rotulado como um “doente”, os fenômenos sociais que estão diretamente ligados a esses problemas passam a ser ignorados. O biológico se impõe sobre o social, de tal forma que a sociedade se isenta de qualquer culpa



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

porque a “doença” pode afetar pessoas que pertençam a qualquer camada social, assim a desigualdade, desemprego e pobreza extrema não podem ser considerados consequência ou causa, porque o problema estaria definitivamente no indivíduo (MOTA, 2009).

Por essas diferentes representações que se tem do álcool como “pecado, crime ou doença” foram criadas durante alguns séculos, Leis que protestavam o uso do álcool. Também foram criados grupos como os Alcoólicos Anônimos (A.A), que têm exercido um papel muito importante na recuperação dos dependentes alcoólicos. Baseado no tripé: medicina, religião e experiências dos próprios alcoolistas. E que é a partir da abstinência total do álcool, que os alcoolistas em recuperação podem conseguir a reinserção social (MOTA, 2009).

O problema do discurso proibicionista, inclusive o dos A.A, é que ele baseia-se na representação do indivíduo em seu estágio mais avançado de dependência, construindo um discurso inflexível de que “todos” que experimentam trilham o mesmo caminho. Além disso, coloca as drogas como principal vilã do mundo contemporâneo, encobrendo muitos dos conflitos estruturais das grandes metrópoles (MOTA, 2009).

Como nosso principal objetivo é observar as representações que os alcoolistas apresentam nas telenovelas, se faz necessário comentar sobre o poder de persuasão que a mídia tem sobre nossa sociedade reforçando discursos proibicionistas, mitos e herança histórico-cultural, a mídia como um meio de comunicação de massa, têm sido um importante objeto de investigação para a Teoria das RS, pois ela acaba se tornando a própria substância sobre a quais ações são definidas, mostrando apenas o que interessa a ela e omitindo fatos. (GUARESCHI; JOVCHELOCITCH, 1995).

Mota (2009) ressalta que graças às representações pela mídia televisiva, o alcoolismo começou a ganhar destaque, o problema é quando essas representações são internalizadas pela opinião pública, fazendo com que o imaginário social se



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

aproprie dessas mensagens e provoque a cristalização de tais estigmas. O autor ressalta sobre a importância de se compreender as consequências sociais das representações e a necessidade de tratar o alcoolismo e o alcoolista sob a ótica das Representações Sociais, pois as mesmas são produções de sentido que implicam a internalização de visões de mundo e discurso que nortearão ações práticas, Moscovici (apud MOTA, 2009, p.48) afirma:

As representações são prescritivas, isto é, elas impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo de que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado.

Mesmo sabendo que o beber faz parte da nossa civilização, o mercado e sua globalização não deve ter como seu único viés a busca pelo aumento da venda e consumo, sem se importar com as consequências e prejuízos que a dependência do álcool pode suscitar nas pessoas. Não se trata obviamente de restringir o consumo de bebidas, que se têm indeléveis raízes culturais, mas de chamar a atenção e de se prevenir para o que pode advir como consequências (LIMA, 2008).

Retomando o que foi citado por Serge Moscovici sobre a Teoria das Representações Sociais (RS), podemos perceber que as RS são fruto de uma remontagem de acontecimentos históricos. Será sobre essa perspectiva que faremos a análise dos personagens alcoolistas, observando como determinadas características e estigmas continuam implantados mesmo que indiretamente nesses personagens.

Nesta pesquisa foram escolhidos quatro personagens alcoolistas do sexo masculino, representados nas telenovelas brasileiras de uma determinada emissora. No entanto, como essa pesquisa trata de resultados parciais, foram selecionados somente dois para a análise de dados. O critério priorizado foram os personagens que mais se aproximavam da realidade social, sendo que a vivência de cada personagem se difere bastante, assim como suas representações.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Retiramos da internet a sinopse das novelas que foram escolhidas, para entendermos a história de vida do personagem, a importância do seu papel na trama da novela, as pessoas mais próximas e as influências que outros poderiam exercer sobre ele.

Analisaremos cada personagem individualmente, observando as ações mais importantes, que o designava na novela, como sendo um indivíduo dependente do álcool, como era visto por outras pessoas, o motivo que o levou a começar a beber etc. Identificamos fragmentos de imagens da novela, cenas em que os personagens apareciam com maior frequência, pois não foi possível ter acesso a todos os episódios da novela. Posteriormente, organizamos todas as informações encontradas sobre o personagem e montamos um *release* (descrito abaixo), para facilitar a análise de suas representações.

Personagem I – Orestes (Por Amor, 1997)

Orestes foi um personagem alcoolista que para muitos retratou o país. Fica desempregado por ser considerado velho para o mercado, vive à procura de emprego. Sentido-se inferiorizado, ele começa a beber. É rejeitado pela filha Maria Eduarda, vive com sua outra filha que se chama Sandrinha, fruto do seu novo casamento e, com o filho de sua nova esposa, esses são seus grandes companheiros, que o tira dos bares e passa por muitos constrangimentos por conta das suas bebedeiras. Em um das cenas da novela, Orestes arruma um trabalho, o que não foi fácil conseguir. Por ironia do destino ele é assaltado com o dinheiro do emprego, devido a isso ele começa a beber de novo, com isso as pessoas pressupõem que ele bebeu e por esse motivo deve ter perdido o dinheiro ou algo do tipo, mas ele por estar bêbado não possui nenhuma credibilidade. Depois de muito sofrimento por conta da bebida, Orestes é levado por sua filha Sandrinha aos Alcoólicos Anônimos. Isso ocorre no último capítulo da novela.

Personagem II – Cristiano (Celebridade, 2003)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Cristiano Reis é um homem encantador, carismático, um jornalista de grande sucesso. Muito apaixonado por sua esposa, que logo no início da novela morre em um acidente de carro, no qual Cristiano também estava. Com a morte da sua esposa, o personagem fica morando sozinho com o filho Zeca, que é apenas um menino. Acusado pelo cunhado de ser o responsável pela morte de sua esposa e carregando a dor da perda, Cristiano começa a beber de forma contínua e exagerada, se afasta dos amigos, trabalho e do próprio filho Zeca, que cuida de Cristiano durante essa fase.

O personagem alcoolista em uma das cenas da novela dá vexame na festinha da escola de seu filho. As pessoas que conviviam com Cristiano anteriormente à tragédia ficam impressionadas ao ver o ponto em que ele chegou e tentam ajudá-lo, principalmente sua vizinha Noêmia. Animado com a preocupação dos amigos, Cristiano volta a trabalhar na empresa de antes e aos poucos vai se afastando da bebida à medida que retorna a sua vida social. O personagem começa a participar dos Alcoólicos Anônimos, o flagra dele em uma dessas reuniões vai ser um dos motivos que seu cunhado vai utilizar para tentar ficar com a guarda do sobrinho. Mas, como Cristiano se recupera, no final da novela acaba ficando com a guarda do filho, é promovido para presidente da empresa e casa-se com sua vizinha Noêmia.

As primeiras análises a serem feitas são em relação ao comportamento apresentado pelos personagens alcoolistas, se condizem com a definição teórica que temos do sujeito dependente do álcool ou não. Logo após, será feita uma observação das diferentes representações sociais que esses personagens possuem e se dessa forma é possível criar, influenciar ou reforçar os estigmas do telespectador.

O personagem I, que faz o papel do Orestes na novela Por Amor, representa um personagem bem próximo da realidade social, representada pela desvalorização do idoso, prática muito frequente em nossa sociedade. Orestes começa a beber porque não arranja emprego, por ser considerado velho para o



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mercado de trabalho, o que o faz pensar que está impotente. Além disso, é rejeitado por uma de suas filhas que o vê como um fracassado, mais um motivo para que ele continue bebendo.

Orestes é encontrado em bares e caído nas ruas falando besteira, ele bebe de forma contínua e periódica, isso durante toda a novela e todo motivo o faz querer beber novamente, adquirindo uma dependência ao álcool. Isso pode sim, caracterizá-lo como um alcoolista. Primeiro bebe por não arrumar trabalho, dificultando ainda mais as oportunidades de emprego e por fim bebe de novo por sentir-se um fracassado. Formando assim um ciclo vicioso.

Podemos compreender que para os outros personagens da novela, Orestes representa um indivíduo que não tem motivos para se entregar ao álcool e o faz porque quer e isso provoca sua ociosidade. Podemos observar aqui, a negação do alcoolismo doença por parte das outras pessoas.

A culpa é destinada somente a ele e à droga. Uma das cenas muito interessante que vale analisar dá-se quando arruma um emprego e é assaltado, voltando a beber porque fica angustiada, e por ser um alcoolista. As pessoas pressupõem que ele utilizou do dinheiro para beber. Essa é uma representação comum que se tem do alcoolista, como alguém que não consegue se controlar e que devido a isso não alcança a reinserção social.

A entrada de Orestes para o grupo dos A.A ocorre apenas no último capítulo da novela, como sabemos o último capítulo é quando tudo dá certo, deixando o telespectador tranquilo com uma certeza de que só por ter entrado no A.A, o personagem esteja curado ou pelo menos, irá se curar do alcoolismo.

No personagem Cristiano, observamos que representa uma pessoa de muito sucesso e que pertence a classe alta. Carrega consigo a culpa por a morte de sua esposa, pois estava dirigindo no acidente em que a perdeu. Temos aqui o motivo que o levou a começar a beber exageradamente. O personagem Cristiano abandona o emprego, amigos e seu próprio filho, começa o beber solitário e matinalmente.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Em algumas cenas, houve o “vexame” por parte do personagem estando alcoolizado, o que segundo Masur (2004), é mais uma evidência para ser considerado um alcoolista, pois à medida em que o indivíduo vai aumentando as doses de bebidas, vai tendo um comprometimento da autocrítica, conseqüente diminuição das inibições comportamentais.

Cristiano após deixar o emprego, recebe ajuda de outras pessoas. Ao contrário do que, ocorre na vida real, é chamado para trabalhar de volta. Porque para os outros personagens que conviviam com a sua companhia na novela, não era um dependente e sim alguém que estava bebendo por estar sofrendo. Ao final da novela, tudo dá certo na vida de Cristiano, ele já está totalmente recuperado do alcoolismo e com uma vida social estável.

Podemos identificar que a mídia quis nos passar a imagem de uma sociedade “boazinha”, que dá oportunidades para as pessoas que se entregam a esse “mal” da bebida, inclusive mostrando-a como a única culpada da história. É importante ressaltar, que é o personagem quem deixa o emprego, fazendo com que telespectador acredite que o próprio sujeito se autodestrói, mas a sociedade não o abandona. Os indivíduos, como o personagem Cristiano, agarram essas oportunidades que a vida lhe proporciona e não ficam na sarjeta. A mídia quer nos mostrar que aquele sujeito que encontramos nas ruas, caído de tanto beber, está assim porque ele quer, o que não é verdade, é importante entender que se trata de realidades e condições diferentes.

Essa realidade vivida pelo personagem Cristiano, não é a realidade vivida pela a grande maioria dos indivíduos alcoolistas, que perdem empregos, amigos e familiares, pois são vistos como fracassados, porque é atribuído a estes uma nova identidade social. Esse aspecto é apresentado em apenas uma cena da novela, em que o cunhado de Cristiano tem uma reação preconceituosa ao saber que ele está frequentando os A.A, vendo nisso um motivo para tomar a guarda do sobrinho, o filho de Cristiano. Passando a ideia de que quem frequenta esses grupos são



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

incapazes de ter uma vida normal novamente. Mas, mais uma vez a representação que a mídia expõe é de uma sociedade “amiga” que oferece oportunidade de volta a vida de antes, pois a justiça decide que quem fica com a guarda do menino é Cristiano.

Não podemos esquecer que esse personagem alcoolista representado por Cristiano é um sujeito rico e que esse pode ter sido um motivo para a indústria midiática não atribuir a ele o estigma de cachaceiro ou imoral. Temos aqui a construção de um discurso da imagem do alcoolismo e do alcoolista relacionado à classe social.

Com base nas análises feitas, podemos dizer que os personagens analisados podem ser considerados alcoolistas, segundo estudiosos que afirmam essas características. Outro ponto importante que conseguimos observar é o modelo proibicionista que continua implantado nos personagens para a mente do público, os dois acabam nos Alcoólicos Anônimos e para não ser mais um alcoolista precisarão de abstinência total.

A mídia mostra um dos personagens que representa um indivíduo que pertence a uma classe social alta, por um lado apresenta seu ponto positivo quando mostra que o alcoolismo pode afetar qualquer indivíduo. Entretanto, como afirma Mota (2009), faz com que a sociedade se isente de qualquer culpa, pois, se o rico bebe do mesmo jeito que o pobre, a desigualdade, desemprego e pobreza não são causa nem consequência para fazer uma pessoa beber.

Algumas diferenças nas representações entre os personagens podem ser notadas. Primeiro, no personagem I, as pessoas reconhecem que ele tem um motivo para beber, fazendo com que a única culpada seja a bebida; no personagem II não há reconhecimento de um motivo para beber, colocando a culpa na droga e no indivíduo.

Cristiano e Orestes apresentam facetas diferentes de um mesmo problema: a dependência do álcool. Porém, como são homens de classes sociais distintas,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

percebemos tratamentos diferenciados em suas condutas. Embora as causas do desenvolvimento do alcoolismo sejam diferentes nas duas histórias, as consequências traduzem comportamentos similares, mas as representações e as atitudes das diversas pessoas a partir de sua condição étnica e social também colaboram na ajuda ou discriminação do dependente. As chances de reinserção social de Cristiano são muito mais visíveis que no caso de Orestes. Além do mais, Cristiano é jovem. Orestes suscita, ainda, outra preocupação que não é foco deste estudo, mas que deveria estar mais presentes nas pesquisas sobre o tema que é a dependência ou o uso abusivo de álcool entre idosos. Mas esta é pauta para outra investigação.

A importância dessas análises decorre do compromisso que a sociedade precisa desenvolver com relação às pessoas dependentes do álcool, ignorando estigmas criados no passado e passando a enxergar o alcoolista sobre uma nova óptica, sem distinção de classe, gênero ou idade, mas, apenas de uma pessoa que necessita de ajuda e tratamento.

REFERÊNCIAS

- BERTONI, L. M. **“SE BEBER NÃO DIRIJA”**: representações sociais de universitários sobre as propagandas televisivas de cerveja. 2007. 108f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.
- CARNEIRO, H. **Pequena enciclopédia da História das Drogas e Bebidas**. São Paulo: Campus-Elsevier, 2005.
- FORTES, J. R. Albuquerque. São Paulo: Sarvie, 1991.
- GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em Representações Sociais**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- LAPATE, V. **Hora Zero**: a independência das drogas – antes que os problemas cheguem. São Paulo: Scortecci, 2001.
- LIMA, J.M. B. **Alcoologia**: o alcoolismo na perspectiva da saúde pública. Rio de Janeiro, Medbook, 2008.
- MASUR, J. **O que é alcoolismo**. 1ª reimpr. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

MOTA, L. **Dependência química e representações sociais: Pecado, Crime ou Doença?**. Curitiba: Juruá, 2009.

MUSUMECI, B. **O consumo de álcool no país**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

TEIXEIRA, J.R. F. **Alcoolismo: Doençano mundo do direito**. Curitiba: Juruá, 2000.